

## CANAL DE DISTRIBUIÇÃO DAS HORTALIÇAS DO ASSENTAMENTO ESTRELA DO SUL

### RESUMO

O estudo objetivou caracterizar o tipo de canal de distribuição de hortaliças mais utilizado pelo assentamento Estrela do Sul. No primeiro momento da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico sobre agricultura familiar, logística de frutas legumes e verduras (flv) em artigos, revistas, livros e páginas da web. Na segunda fase realizou-se uma pesquisa empírica in loco com uma amostra de 20 proprietários beneficiados pelo Plano Nacional de Crédito Fundiário (PNCF). Observou-se que os produtores tem dificuldade em transportar os alimentos demonstrando dependência de atravessadores para transportar estes produtos. Além disso, os produtores do Assentamento Estrela do Sul utilizam, para a distribuição de seus produtos, a venda direta (feira e venda direta) e indireta (mercado e atacado), sendo a feira relevante por não contar com a presença de atravessadores o que é um aspecto positivo por possibilitar maior aferimento de lucro, no entanto, a escolha por esse canal não é maior devido a dificuldade de transporte e disponibilidade de tempo. No entanto propõe-se como estudos futuros uma análise detalhada da cadeia de logística e distribuição, embalagem e armazenamento de frutas, verdura e legumes de forma convencional e orgânica no estado de Mato Grosso do Sul em assentamentos de agricultura familiar embasados em agregação de valor da produção.

**PALAVRAS-CHAVES:** Agricultura Familiar; Cadeia de Suprimentos; Comercialização; Planejamento.

## CHANNEL DISTRIBUTION OF VEGETABLES NESTING ESTRELA DO SUL

### ABSTRACT

The study aimed to characterize the type of distribution channel of vegetables used by nesting Estrela do Sul. At first moment the research was done one survey of the literature on family farming, logistics of fruit, verdure and vegetables (flv) in articles, magazines, books and web pages. In the second moment was carried out empirical research in situ with a sample of 20 owners benefited by the National Land Credit (PNCF). It was observed that farmers have difficulty in transporting the food demonstrating dependence on intermediaries for transporting these products. Furthermore, the producers of Nesting Estrela do Sul, utilize for distribution of its products, direct sales (fairs and direct) and indirect (market and wholesale), being the fair relevant for not having the presence of middlemen which is a positive aspect by allowing greater benchmarking of profit, however, the choice of this channel is not higher due to transportation difficulties and time availability. However it is proposed that future studies as a detailed analysis of the chain of logistics and distribution, packaging and storage of fruits, vegetables and legumes so conventional and organic in settlements the states of Mato Grosso do Sul of family farming grounded in aggregate value of production.

**KEYWORDS:** Family Farming; Supply Chain; Marketing; Planning.

*Revista Brasileira de  
Administração Científica,  
Aquidabã, v.5, n.1, Jan, Fev, Mar,  
Abr, Mai, Jun 2014.*

ISSN 2179-684X

SECTION: *Articles*  
TOPIC: *Sistemas Logísticos*



DOI: 10.6008/SPC2179-684X.2014.001.0012

**Lilliane Renata Defante**

Universidade Católica Dom Bosco, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/5835634867204795>  
[lillianerenata@gmail.com](mailto:lillianerenata@gmail.com)

**Gercina Gonçalves da Silva**

Universidade Católica Dom Bosco, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/0674705919268341>  
[gercina.goncalves@gmail.com](mailto:gercina.goncalves@gmail.com)

**Jenifer Ferreira Gonzaga**

Universidade Católica Dom Bosco, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/6418365500841889>  
[jenifa@gmail.com](mailto:jenifa@gmail.com)

**Beatriz da Silva Mello**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/4465701071100804>  
[bhiamello@hotmail.com](mailto:bhiamello@hotmail.com)

**Dario de Oliveira Lima Filho**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/4275985675159362>  
[dariolimafilho@gmail.com](mailto:dariolimafilho@gmail.com)

Received: 17/10/2013

Approved: 10/03/2014

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

### Referencing this:

DEFANTE, L. R.; SILVA, G. G.; GONZAGA, J. F.; MELLO, B. S.; LIMA FILHO, D. O.. Canal de distribuição das hortaliças do assentamento Estrela do Sul. *Revista Brasileira de Administração Científica*, Aquidabã, v.5, n.1, p.200-213, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.6008/SPC2179-684X.2014.001.0012>

## INTRODUÇÃO

No Brasil, de acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA (2013) há cerca de 1.258.205 famílias assentadas e no estado de Mato Grosso do Sul são 43.264 famílias assentadas. Para Duque (2012), os assentados são parcela da população que se encontra excluída socialmente e que busca a sobrevivência através principalmente da prática da agricultura familiar. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, através do Censo Agropecuário de 2006, identificou 4.367.902 estabelecimentos de agricultores familiares, o que representa 84,4% dos estabelecimentos brasileiros. A área ocupada por eles era de 80,25 milhões de hectares, ou seja, 24,3% da área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Pelo contrário os agricultores não familiares ocupavam 75,7% da área ocupada que representam 15,6% do total dos estabelecimentos (IBGE, 2009).

No Brasil, estabelecimentos de pequenos agricultores ou estabelecimentos de menor escala eram apontados como agricultores de baixa renda. Apenas na primeira metade dos anos de 1990, a agricultura familiar foi denominada expressão da agenda nacional, pois adentrou o cenário político. Quase sempre, na literatura ou não, a atividade econômica desses produtores era chamada de pequena produção (SCHNEIDER, 2007). A agricultura familiar é vista por Abdala e Santos (2007) como um cenário (um setor social e econômico) que teima em sobreviver, e que contribui de forma expressiva na economia e no desenvolvimento social do país. Mesmo sendo marginalizada pelas políticas públicas (agrícolas e agrárias). Seu desenvolvimento é entendido como uma das pré-condições para uma sociedade economicamente mais eficiente e socialmente mais justa (LOURENZAN et al., 2008). A agricultura familiar surpreendentemente diante de dados do IBGE (2009) vem afirmando que é responsável por endossar uma apreciável parte da segurança alimentar do País.

O acesso ao mercado e à comercialização de produtos agrícolas produzidos pela agricultura familiar compõe um dos principais obstáculos dessa categoria de produtores. Isso se confirma diante da situação em que o Brasil se encontra. De acordo com a FAO - Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (2004) o Brasil é o terceiro maior produtor de frutas e hortaliças no *ranking* da produção mundial, com uma produção de aproximadamente 43 milhões de toneladas, atrás da China e da Índia. Com a globalização ocorreram diversas mudanças no comportamento do consumidor assinalado pelo grau de exigência registrado principalmente pela facilidade de acesso a variados tipos de alimento (DALMÁS, 2008).

Um exemplo dessas mudanças é o aumento no consumo de frutas, legumes e verduras (FLV) no Brasil considerando que os níveis atuais ainda estejam baixos, quando comparado aos países desenvolvidos, porém o consumidor demonstra interesse elevado em alterar seu padrão de consumo o que reflete no seu padrão de consumo e compra (BRASIL, 2006; NOVAES, 2006; SPANHOL & HOKAMA, 2005).

De acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF (2008-2009), divulgada pelo IBGE (2010), houve incremento de 4,38 quilos no consumo de frutas por pessoa/ano nos lares brasileiros, dessa forma todas as regiões brasileiras tiveram aumento significativo no consumo *per capita* de frutas, assim como o Centro-Oeste que obteve grande destaque em termo de crescimento. Em relação a hortaliças o Centro-Oeste foi o único que obteve crescimento em 2008, cerca de 3,38 kg por pessoa totalizando 26,6kg por pessoa, que foi impulsionado pelo tomate e as outras hortaliças continuaram estáveis. Nesse contexto, a logística e os canais de distribuição de alimentos tornam-se importantes, pois, a baixa eficiência na distribuição de hortaliças torna-se um impactante entrave para o bom desempenho competitivo de toda a cadeia. Tratando-se de valorar a distribuição, a logística é assinalada por Porter (1985) como uma das atividades principais da cadeia de valor da empresa. A logística de FLV's tem um papel tão impactante quanto quaisquer atividades econômicas, pois envolve produtos perecíveis. As empresas atuantes nessa área necessitam de um sistema logístico eficiente, que torne viável a distribuição e comercialização do produto em qualidade e quantidade suficientes, assegurando que os prazos exigidos pelos clientes sejam cumpridos (TORRES & MOUTINHO, 2002).

Estudos como o de Faveret Filho (1999), demonstram que a deficiência do processo logístico é o maior obstáculo à competitividade, modernização e falta de avanço nas hortaliças brasileira. Conforme supracitado, as hortaliças têm um alto grau de perecibilidade e necessitam chegar ao consumidor em curto espaço de tempo, de forma a conservar suas melhores características. É neste contexto que surge o problema de pesquisa: o canal de distribuição de hortaliças do Assentamento Estrela do Sul é eficiente?. O objetivo proposto é a caracterização do canal de distribuição de hortaliças pelo assentamento Estrela do Sul, localizado no município de Glória de Dourados-MS, distando 274 km da capital do estado. Para Cabral et al. (2013) na agricultura familiar, a logística é parte integrante dos fatores que podem garantir a eficácia das operações de compra e vendas destes produtores. Mas, de acordo com Oliver (1990 citado por KWASNICKA, 2006) a garantia da eficiência na distribuição desses alimentos pode motivar empresas externas a formarem parcerias. Neste caso, a formação de um relacionamento Inter organizacional como sugestão de redução de custos melhorando assim a rentabilidade do pequeno agricultor.

A logística pode possibilitar aos produtores familiares, a redução de custos, o que pode ocorrer via integração da cadeia de suprimento e de apoio à solução de problemas operacionais, dando suporte para definição de estratégias para produtores que tenham produtos agrícolas passíveis de perecibilidade. A eficiência da logística em assentamentos, que frequentemente trabalha com a agricultura familiar, pode ampliar o impacto econômico do agronegócio, através da agricultura familiar, que atualmente gira em torno 30% do PIB nacional.

## REVISÃO TEÓRICA

Para atingir o objetivo proposto, parte-se do estudo teórico acerca da logística e canais de distribuição e seus aspectos relevantes, bem como uma revisão da agricultura familiar em assentamentos, no que se refere aos seus elementos importantes para a discussão.

### Logística e Canal de Distribuição

No mercado de agro alimentos enfrenta-se um desafio que já não é considerado novo – a logística para distribuição de frutas, legumes e verduras. Abastecer a necessidade da população em qualidade e quantidades suficientes é uma tendência de produtos como hortaliças. Mesmo com avanços já alcançados em termos de políticas públicas para a agricultura familiar, existem ainda gargalos ao escoamento da produção sendo um dos principais entraves para o pleno desenvolvimento destas famílias. Para a agricultura o processo logístico é um componente importante para o desenvolvimento do país, pois permite gerenciar as operações de produção e de produtos acabados, assim como pelo transporte e entrega em tempo devido (SLACK et al., 2002). Para Carvalho (2002) a logística faz parte do gerenciamento da cadeia de abastecimento que tem como objetivo planejar, implantar e controlar o fluxo e armazenamento eficiente e econômico de matérias-primas materiais semiacabados e finalizados, assim como dar informação relativa a eles do ponto de origem ao ponto final que é o consumo para atender com excelência os clientes.

A logística dentro da agricultura familiar é parte constituinte dos elementos que podem garantir a eficácia das operações de compra e venda dos produtores. Ela é usada também como modo de integração da cadeia de suprimento e de apoio à solução de problemas operacionais. A logística ainda serve de base para definir estratégias dos produtores em relação à perecibilidade dos produtos agrícolas (CABRAL et al., 2013). De acordo com Cabral et al. (2013) a logística é relevante para a agricultura familiar, principalmente no que se refere à horticultura, pois pode reduzir os custos para os produtores, já que esses produtos têm baixo valor agregado. No entanto um foco essencial que se deve investir nas atividades logísticas é a sua racionalização, pois visa à diminuição dos custos nas atividades da agricultura familiar.

Nesse contexto, parte considerável dos moradores de agrupamentos familiares está tentada a desistência da produção desses alimentos por diversos fatores: o preço das mercadorias produzidas no meio rural está em queda, que decorre de excelentes ganhos de produtividade da agricultura brasileira, os salários dos trabalhadores rurais estão elevados, os riscos inerentes às atividades é elevada, complexidade cada vez maior da gestão da atividade, a apropriação de conhecimento tecnológico adequado é atrasada quando se trata de produtores familiares em sua grande maioria (SOUZA FILHO & BONFIN, 2013).

Um canal de distribuição é considerado um conjunto de organizações independentes envolvidas num processo de disponibilização de produtos ou serviços para uso ou consumo de acordo com Coughlan et al. (2002). Dentre os canais de distribuição podemos citar: feiras livres, sacolões, varejões e quitandas, empresas de refeições coletivas, mercados, atacadistas, etc. De acordo com Souza Filho e Bonfim (2012) os canais modernos de distribuição devem ser observados como um processo de atrelamento comercial irreversível e com exigências crescentes no decorrer do tempo. Nesse caso, os pequenos produtores possuem menor ganhos de escala e conseqüentemente menor poder de negociação, e a não adaptação a tais mudanças e exigências do mercado acarretarão a exclusão do pequeno produtor nas mais dinâmicas vias de comercialização. No entanto, desafios devem ser vencidos, principalmente a redução da assimetria de poder de informação na essência das cadeias agroindustriais.

### **Agricultura Familiar em Assentamentos**

No Brasil, os assentamentos da reforma agrária aparecem como centros estratégicos no quadro das transformações da questão agrária brasileira desde os anos 60, contribuindo social e economicamente pela possibilidade de gerar emprego, reduzir o êxodo rural, ampliar a oferta de alimentos através do incremento na produção agropecuária e ainda, elevar o nível de renda ocasionando melhoria na qualidade de vida dos assentados (SOUZA & BERGAMASCO, 2011). Há no Brasil, de acordo com o INCRA (2013), cerca de 1.258.205 famílias assentadas. Para Santalucia e Hegedus (2005) a maioria dos assentamentos rurais é constituída por lotes individuais, com área estimada a partir da definição de módulo fiscal. Os autores afirmam que as famílias ficam praticamente sozinhas para se desenvolverem em uma situação econômica desfavorável. Para Duque (2012), os assentados são parcela da população que se encontra excluída socialmente e que busca a sobrevivência através principalmente da prática da agricultura familiar. Agricultura familiar é um tema que envolve pluralidade de metodologias, critérios e variáveis para construção do perfil de produtores tornando-se um desafio discuti-los (WATANABE e TREDEZINI, 2010).

No Brasil a definição do termo *Agricultura Familiar* consolidou-se através da Lei 11.326, de 24 de julho de 2006 (BRASIL, 2006). De acordo com essa Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural e atende, simultaneamente, aos seguintes requisitos: não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento e; dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006). O tamanho do módulo fiscal, em hectares, está fixado para cada município na Instrução Especial de 1980 do INCRA.

Buainaim et al. (2003) afirmam que na agricultura familiar brasileira, os produtores apresentam frequentemente as seguintes características: diversificação, estratégia de investimento progressivo, combinação de subsistemas intensivos e extensivos e grande capacidade de adaptação. De acordo com Veiga et al. (2001) uma região rural terá um futuro tanto mais dinâmico quanto maior for a capacidade de diversificação da economia local impulsionada pelas características de sua agricultura. Segundo Schneider (1999), além das estratégias de ocupar a mão de obra familiar em atividades agrícolas e não agrícolas, os agricultores familiares frequentemente conciliam a mão de obra familiar com a contratada (temporária ou permanente) nas atividades produtivas dentro das propriedades, quando há carência de mão de obra familiar. Isso geralmente ocorre quando os filhos não estão em idade de participar das atividades agrícolas, a mão de obra familiar já perdeu seu potencial produtivo (predominância de idosos) e quando a propriedade pratica atividade produtiva altamente intensiva em mão de obra.

Para Wilkinson (2008) a agricultura familiar agrega variados tipos de atividades agrícolas, que por sua vez na maioria das famílias representa produção de próprio consumo e pode ser utilizado como troca entre vizinhos assim como comercialização em feiras locais. Uma produção voltada para a subsistência muitas vezes atrapalha a formação de um agricultor na obtenção de lucros, pois está voltado principalmente para a forma social (GAZZOLA, 2006). Nesse sentido, a agricultura é um setor que faz uso elevado dos recursos econômicos do país e dessa forma representa uma contribuição essencial para a formação da renda nacional (CABRAL et al., 2013).

A agricultura familiar é uma parcela importante para o crescimento da economia nacional, pois é um setor que tem absorção de emprego e produz alimentos principalmente voltados para sua subsistência ou autoconsumo tendo como característica essencial à função de caráter social. Contudo a produção familiar representa um fator redutivo de êxodo rural e fonte de recursos para famílias de baixa renda assim como contribui significativamente para geração de riqueza (GUILHOTO & SESSO FILHO 2005). De acordo com Cabral et al. (2013), para o caso das frutas e verduras, é exigido menor grau de processamento até a chegada do produto, do agricultor familiar até o consumidor final, fato que ressalta a importância de um sistema logístico e de distribuição eficiente.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi caracterizado como qualitativo (HAIR et al., 2005) e foi realizado entre os dias 11 e 13 de Outubro de 2012 no município de Glória de Dourados-MS. O universo da pesquisa foi composto por produtores de alimentos da agricultura familiar do Assentamento Estrela do Sul. Quanto aos fins, a pesquisa é descritiva, pois expõe características de determinada população ou fenômeno em comparação com a literatura existente (CRESWELL, 2003; MALHOTRA, 2006; VERGARA, 2007). Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica e de campo. Bibliográfica por revisar assuntos como agricultura familiar e logística em livros, periódicos, teses, dissertações. A

pesquisa ainda é de campo porque coletou dados primários no assentamento Estrela do Sul da cidade de Glória de Dourados.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário estruturado. Aliado a isso o questionário contou com a adoção de entrevista face a face (interrogatório direto) possibilitando à obtenção do levantamento histórico das propriedades e dos proprietários, o diagnóstico da situação econômica das propriedades, as dificuldades encontradas, formas de organização, atividades desenvolvidas, perfil sócio econômico do produtor, planejamento e comercialização da produção. O método de coleta de dados foi através de entrevistas pessoais, questionários pessoais e observação in loco com proprietários e familiares beneficiados pelo PNCF – Plano Nacional de Crédito Fundiário, com uma amostra de 20 (vinte) pessoas de 10 (dez) propriedades.

Para responder ao objetivo da pesquisa optou-se por um estudo de caso, com o propósito de estudar fenômeno, que é atual, dentro de um contexto específico (VERGARA, 2007). A tabulação foi realizada após o término da aplicação dos questionários, de forma que as informações fossem dispostas de maneira simples e de fácil entendimento.

### **Caracterização do Assentamento Estrela do Sul**

O município de Glória de Dourados-MS está localizado 274 km da capital do Estado. O município possui 493 km<sup>2</sup>, ou seja, 49.300 hectares, que é formado por quadras sentido de 2.500 por 10.000 metros. Esse município tem como características físicas de solo, predominantemente, com textura média a arenosa. O Assentamento Estrela do Sul surgiu a partir do PNCF, seu projeto beneficiou 16 famílias, que no ano de 2009 tomaram posse da terra. Os lotes são constituídos de 2 alqueires (4,8 hectares), que estão divididos em talhões subdivididos pelas culturas. As propriedades são compostas por casa de alvenaria, sistema de irrigação por aspersão, poço semi-artesiano, reservatório de água e energia elétrica.

No projeto inicial o assentamento desenvolveria a produção leiteira e produção de goiaba, mas devido o retorno financeiro ser de longo prazo, decidiram executar atividades de curto prazo, período de 30-60 dias, fator que os levou a optar pela produção de pepino, mas, devido a problemas no transporte da produção foi desenvolvida apenas por duas safras. Assim, no ano de 2010, foram iniciadas atividades de horticultura, com a produção de quiabo, vagem, abobrinha, batata-doce, berinjela, jiló, pepino, pimentão, mandioca (mesa), mandioca (indústria). A produção do Assentamento Estrela do Sul é desenvolvida de forma organizada, há um responsável pela comercialização dos produtos da comunidade. O mesmo recebe entre 25% a 28% do valor total dos produtos vendidos para responsabilizar-se totalmente pelo transporte e negociação dos produtos com os mercados e atacados; porém das 16 famílias que estão no assentamento, apenas 07 participam da estratégia de comercialização.

## RESULTADOS

Inicialmente foi realizada a caracterização do assentamento, visando identificação do perfil dos assentados. Para tanto foram entrevistadas 20 pessoas. Com idade média de 38 anos, conforme Tabela 1.

**Tabela 1:** Caracterização dos entrevistados quanto a sexo e idade. **Fonte:** Elaborado pelos autores.

Variáveis	Gênero	
	Feminino	Masculino
Nº de pessoas	9	11
Idade média dos assentados	39	37

De forma geral, no que tange a Agricultura familiar brasileira, a falta de perspectivas de sucessores para o trabalho na terra, de acordo com Dotto (2011), gera gargalos com verdadeiros “asilos rurais”. Para a mostra verificada, a idade média dos assentados não é elevada, o que pode ser considerado um aspecto positivo para o assentamento, já que a presença de uma percentagem elevada de pessoas mais velhas poderia ter impactos no que tange a sucessão das gerações, refletindo na insustentabilidade da produção a médio ou longo prazo. Um ponto relevante é a possibilidade de um maior aproveitamento da mão de obra, assim melhorando o ritmo da produção e conseqüentemente aumentando a produtividade. Devido às exigências do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) a grande maioria é oriunda do meio rural, fator que sugere a capacidade de produzir dos assentados, pois já estão familiarizados com o ritmo de vida no campo além de conhecerem algumas formas de produção e manejo da propriedade. Dessa forma, entre os entrevistados, seis pessoas afirmaram não ter origem no meio rural.

Entre os entrevistados, a família, quanto a constituição, está pautada entre 3 e 5 membros, conforme Tabela 2. São famílias consideradas pequenas. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), a taxa de fecundidade no Brasil está abaixo da taxa de reposição populacional, que é de 2,1 filhos por mulher. Dessa forma, duas crianças substituem os pais e a fração 0,1 é necessária para compensar os indivíduos que morrem antes de atingir a idade reprodutiva. O Censo realizado em 2010 revelou que a taxa de fecundidade feminina sofreu uma queda de 2,38 em 2000 para 1,90 em 2010. De acordo com o Censo, as mulheres sem instrução ou ensino fundamental incompleto têm cerca de 3 filhos. Já as que têm ensino superior completo, a taxa de fecundidade é 1,1 filho (IBGE, 2012).

**Tabela 2:** Caracterização dos entrevistados quanto a constituição familiar. **Fonte:** Elaborado pelos autores.

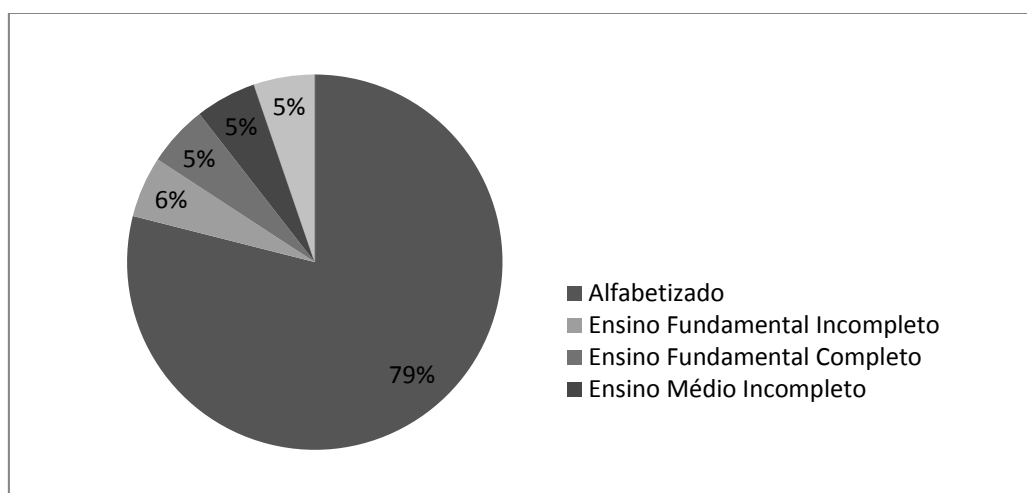
3 pessoas	4 pessoas	5 pessoas
5	9	6

Entre os entrevistados, todos trabalham no campo, porém, exercem atividades fora da propriedade, como trabalhos em granjas e até trabalham para outros assentados para complementarem a renda familiar. Quanto ao nível de escolaridade dos assentados, 79% são



apenas alfabetizados (Figura 1). Esse índice é considerado alto, inclusive na percepção dos próprios moradores do assentamento. Esse dado confirma a informação do MEC (2012), que no meio rural brasileiro, 23,18% da população com mais de 15 anos é analfabeta e 50,95% não concluiu o ensino fundamental.

Tomas (2010), ao analisar as instituições informais no processo de planejamento estratégico para agricultura de base familiar, em assentamentos do estado de Mato Grosso do Sul, verificou um baixo nível de renda entre os agricultores, com uma média de R\$ 200,00. Vilpoux e Oliveira (2011) ao analisar assentamentos no Mato Grosso do Sul, concluíram que em apenas um a renda média per capita era superior a um salário mínimo e em 60% dos assentamentos visitados a renda mensal per capita era inferior a R\$ 250,00.



**Figura 1:** Grau de Escolaridade dos Assentados.

Para o assentamento Estrela do Sul, em Glória de Dourados-MS, no que tange a renda familiar, verificou-se que 60% das famílias entrevistadas recebem até um salário mínimo mensalmente, 30% recebem entre 1 e 3, e outros 10% afirmaram receber mais que três salários mínimos mensalmente. É possível que o baixo nível educacional tenha impacto na renda, já que um melhor nível pode resultar em implementações de melhores técnicas produtivas. No que se refere aos canais de distribuição de seus produtos, os entrevistados relatam que se utilizam dois tipos de vendas: Direta e Indireta (Tabela 3). Na venda direta, a feira ganha destaque com a comercialização de 37% da produção total do assentamento. Uma das justificativas para a procura por esse canal de vendas deve-se a ausência de atravessadores, o que proporciona aos agricultores a obtenção de maior lucro com as vendas.

Todavia, embora nas feiras os produtores não contem com a presença de atravessadores, esses afirmam que a escolha por esse canal não é maior devido a dificuldade de transporte e disponibilidade de tempo, pois a venda direta exige muito mais do produtor-comerciante. Ao estudar os canais de distribuição para produtos da agricultura familiar, num estudo focado em hortaliças, ressaltou que na distribuição de hortaliças folhosas há o gargalo da perecibilidade, dificultando a logística de grande distância, mas possibilita a reposição de forma mais imediata. Canais de distribuição diretos, como as feiras livres, raramente recebe apoio de políticas públicas

específicas ou são consideradas objetos de programas para desenvolvimento rural, por serem eventos periódicos e que ocorrem em espaços públicos. Dos 20 entrevistados seis deles tem preferência em comercializar em feiras livres, pois para eles este é um local que tem um grande potencial de espaço para comercialização e grande possibilidades de relações sociais.

Um estudo realizado por Pierri e Valente (2011) sobre feiras livres como canal de comercialização corrobora com esta afirmação impondo que ‘as feiras livres persistem no tempo e é recurso muito utilizado para o abastecimento de alimentos frescos, produtos especiais e produtos com identidade territorial. Além disso, são reconhecidamente espaços privilegiados de socialização e resgate cultural’. A maior parte dos produtores do assentamento dá preferência pelo tipo de venda indireta, dividindo-se entre mercado e atacado; dado que é confirmado através do estudo de Contini et al. (2012) na análise do perfil da produção agrícola para autoconsumo em territórios rurais de Mato Grosso do Sul.

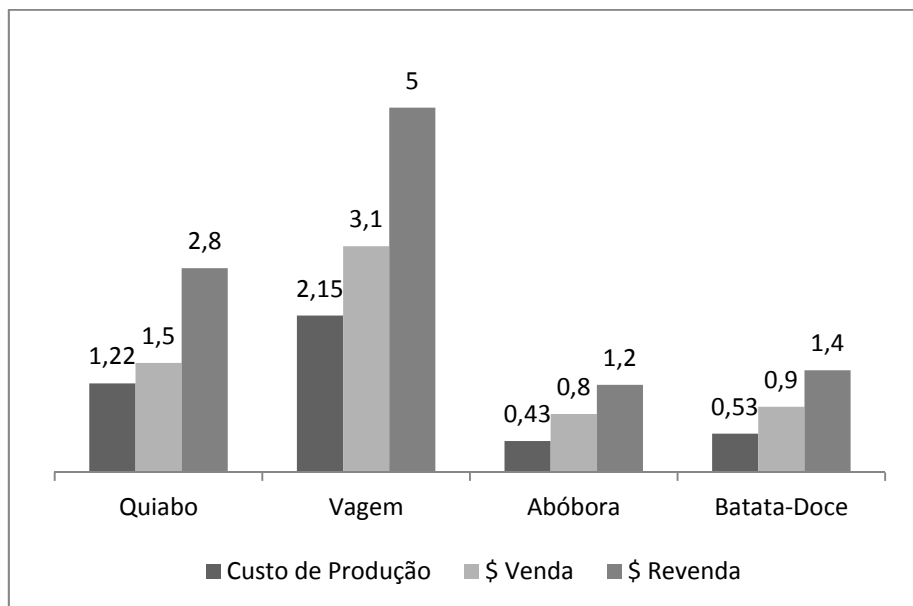
**Tabela 3:** Caracterização dos entrevistados quanto ao tipo de venda. **Fonte:** Elaborado pelos autores.

Tipos de venda	De que forma é feita?	Nº de produtores
Direta	Feira	6
	Venda direta	2
Indireta	Mercado	7
	Atacado	5

No entanto, as informações reveladas nessa pesquisa com o Assentamento Estrela do Sul se difere de outro estudo, que analisou a logística das hortaliças produzidas em Itaquiraí-MS por Watanabe e Tredezini (2010). Tal estudo demonstrou que feiras livres são de extrema importância para produtores familiares de assentamentos, e relatando que mais de 70% dos entrevistados dessa amostra vendiam seus produtos em feiras livres. Outra forma utilizada para a comercialização no Assentamento Estrela do Sul é o sistema coletivo, que tem por objetivo a garantia da entrega da quantidade exigida por esses clientes, e que é realizada por 70% dos assentados. Para Figueiredo et al. (2011) atividades como a produção na agricultura familiar, apresentam baixo poder de barganhado pequeno produtor com o mercado varejista, exigindo uma organização coletiva, atingindo assim escala de produção, facilitando a incorporação de novas tecnologias e facilitando a negociação, podendo garantir maior lucratividade.

A distribuição dos produtos é realizada 15% diariamente, 35% em dias alternados e 50% semanalmente. Os 52% da produção que são destinadas aos mercados e atacados são transportados semanalmente para a cidade de Dourados-MS. Em média são levadas 32 caixas de produtos diversos com aproximadamente 50 kg cada caixa. Aos finais de semana a produção é distribuída em feiras nas cidades de Jateí - MS e Glória de Dourados - MS, em média são levados 50 kg de um *mix* de produtos hortícolas. O transporte diário é realizado por apenas 30% dos agricultores, pois essa distribuição ordena tempo e o produtor não pode se ausentar por muito tempo da propriedade devido às obrigações no manejo da produção.

A Figura 2 mostra a diferença entre custos de produção (custo para o produtor), preço de venda (preço pago aos produtores) e preço de revenda (preço pago pelos consumidores), de quatro produtos quiabo, vagem, abóbora e batata-doce.



**Figura 2:** Custos para produção do assentamento.

De modo geral todos os produtos trazem lucros ao produtor, porém, os produtos em destaque são o quiabo e a vagem, pois apresentam uma maior margem de lucro, devido a seu custo de produção não ser muito alto e o valor de revenda ser vantajoso, principalmente na venda direta. Os produtores que fazem a comercialização no coletivo sofrem perda nos lucros, devido a intervenção dos atravessadores, que compram os produtos com um preço baixo e vendem por preços com até 120% a mais do valor de compra.

## CONCLUSÕES

Este artigo teve o propósito de oferecer elementos que demonstram a necessidade de investimentos em canais de distribuição e comercialização de FLV's enfrentados pelos produtores do Assentamento Estrela do Sul. Tais problemas são encontrados não somente em assentamentos, mas também em propriedades de agricultura familiar que tem grande dificuldade de escoar sua produção muitas vezes por falta de incentivo governamental ou privado. Constatou-se que os produtores do Assentamento Estrela do Sul utilizam, para a distribuição de seus produtos, a venda direta e indireta, sendo a feira relevante por não contar com a presença de atravessadores o que é um aspecto positivo por possibilitar maior aferimento de lucro, no entanto, a escolha por esse canal não é maior devido a dificuldade de transporte e disponibilidade de tempo.

Além disso, há um sistema coletivo de comercialização que tem por objetivo o provimento da quantidade exigida pelos clientes, todavia, dada a presença de atravessadores, há perda de

lucratividade. A agricultura familiar para esses assentados gera emprego e renda, o que foi demonstrado através da exposição dos preços pago aos produtores e custo de produção dos quatro produtos comparados: quiabo, vagem, abóbora e batata-doce. Todavia verificou-se que para a comercialização coletiva, há a presença de um atravessador, e não a instituição de uma associação ou cooperativa, que poderia agregar maior valor a produção e proporcionar maior aferimento de lucro por parte desses produtores, demonstrando a necessidade de uma organização que proporcione eficiência enquanto canal de distribuição.

Sobre o ponto de vista empresarial os resultados podem ser enquadrados para uma base de comparação com estudos sobre canais de distribuição de produtos como frutas verduras e hortaliças, assim como servir de base para futuros estudos de desenvolvimento de novos canais de distribuição e comercialização. A luz da academia o trabalho contribui para uma visão mais abrangente de agricultura familiar em assentamentos o que pode despertar um maior interesse de acadêmicos em estudar o desenvolvimento deste tipo de setor. Já para as políticas públicas este estudo pode contribuir na influência de maiores investimentos em escoamento da produção das famílias de assentamentos. Propõe-se como estudos futuros uma análise detalhada da cadeia de logística e distribuição, embalagem e armazenamento de frutas, verdura e legumes de forma convencional e orgânica no estado de Mato Grosso do Sul em assentamentos de agricultura familiar embasados em agregação de valor da produção, com perspectiva posterior de ser reproduzido nos demais estados como forma de caracterizar e posteriormente implementar políticas direcionadas a necessidade desses produtores.

## REFERÊNCIAS

ABDALA, K. O.; SANTOS, M. M.. **Políticas agrícolas, desenvolvimento regional e agricultura familiar. Estudos**, Goiânia, v.34, n.9-10, p.677-693, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. **Lei no 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais.

UAINAIN; A.M.; ROMEIRO, A. R.; GUANZIROLI, C.. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias**, n.10, p.312-347, 2003.

BUAINAIN, M. A.. **Agricultura familiar e inovação tecnológica no Brasil: características, desafios e obstáculos**. Campinas: Unicamp, 2007.

CABRAL, S.; VITAL, T.; MENELAU, A. S.. Logística de distribuição da produção dos assentamentos Timbó e Granja Jumbo em Moreno, estado de Pernambuco. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.43, n.2, p.1-86, 2013.

CARVALHO, J. M. C.. **Logística**. 3 ed. Lisboa: Silabo, 2002.

CONTINI, D. J.; LIMA-FILHO, D. O.; DRESCH, L. O.. Perfil da produção agrícola para autoconsumo em territórios rurais de Mato Grosso do Sul. **Interações**, Campo Grande, v.13, n.2, p.202-2012, 2012.

COUGHLAN, A. T.. **Canais de marketing e distribuição**. 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

CRESWELL, J.. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

DALMÁS, S. R. S. P.. **A logística de transporte agrícola multimodal da região oeste paranaense**. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Agroindustrial) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2008.

DOTTO, Fabiano.. **Fatores que influenciam a permanência dos jovens na agricultura familiar, no estado de Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2011.

DUQUE, C. V. L.. Terra, trabalho e produção: perspectivas e desafios em um assentamento de reforma agrária. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21. **Anais**. Uberlândia, 2012.

FAVERET FILHO, P.. Fruticultura brasileira: a busca de um modelo exportador. **BNDES Setorial**, n.9, p. 191-226, 1999.

FIGUEIREDO, A.. **Processos Logísticos de Organização de Produtores de Hortaliças na Comercialização com Varejo**. Curitiba: CRV, 2011.

FLEURY, P. F.. **Logística Empresarial: A perspectiva brasileira**. São Paulo: Atlas, 2000.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO. **Production of fruits and vegetables and share in the world**. Rome: FAO, 2004.

GAZZOLA, M.. **O processo de mercantilização do consumo de alimentos na agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

GUILHOTO, J. J. M.; SESSO FILHO, U. A.. A estimação da matriz insumo-produto a partir de dados preliminares das contas nacionais. **Economia Aplicada**, v.9, n.2, p.279-299, 2005.

HAIR, J. H.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.; BLACK, W. C.. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006. Agricultura Familiar**. Primeiros resultados. Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. MDA/MPOG, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009**.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Fecundidade no Brasil**.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Números da Reforma Agrária**. 2013.

KWASNICKA, E. L.. **Em direção a uma teoria sobre redes de negócios**. São Paulo: Saint Paul, 2006.

LOURENZANI, W. L.; PINTO, L. B.; CARVALHO, E. C. A.; CARMO, S. M.. A qualificação em gestão da agricultura familiar: A experiência da Alta Paulista. **Revista Ciências Exatas**, v.4, n.1, p.62, 2008.

MALHOTRA, N. K.. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MINAYO, M. C. S.. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MEC. Ministério da Educação. **Governo lança programa de educação para população rural**. 2012.

MIOR, L. C.. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

NOVAES, A. L.. **Comportamento do consumo de carne de bovina e hortaliças no Brasil: perfil dos consumidores**. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade de Brasília e a Universidade Federal de Goiás, Campo Grande, 2006.

PIERRI, M. C. Q. M.; VALENTE, A. L.; E. F.. **A Feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar**. Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura, 2011.

PORTER, M.. **Vantagem competitiva**. Rio de Janeiro: Campus, 1985.

SANTALUCIA, M.; HEGEDUS, P.. Cooperativismo e assentamento rural na percepção do uso coletivo e individual da terra mediante metodologia q: o caso de charqueadas. **DEAER/CPGExR**, Camobi, v.4, n.7, p.97-128, 2005.

SCHNEIDER, S.. **Agricultura familiar e pluriatividade**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SCHNEIDER, S.. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.18, n.51, p.99-121, 2003.

SCHNEIDER, S.. **La contribución de la pluriactividad para las políticas públicas de desarrollo rural: una mirada desde el Brasil**. In: Editores. Alberto, A.; Gustavo, B.; Margarita, H.. (Org.). Políticas públicas como objeto social: Imaginando el bien público en el desarrollo rural Latinoamericano. Guatemala: Flacso, 2007.

SLACK, N.. **Administração da produção**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SPANHOL, C. P.; HOKAMA, A. S.. **Desempenho das seções de frutas, legumes e verduras em distintos formatos varejistas**. Monografia (Graduação em Administração) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.

SOUZA, V. F.; BERGAMASCO, S. M. P. P.. Reforma Agrária e Assentamentos Rurais: perspectivas e desafios. In: Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, 5. **Anais**. Campinas, 2011.

SOUZA FILHO, H. M.; BONFIM, R. M.. Oportunidades de desafios para a inserção de pequenos produtores em mercados modernos. In: A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário brasileiro: ganhar tempo é possível?. **Anais**. Brasília: CGEE, 2013.

TOMAS, R. N.. **As instituições informais no processo de planejamento estratégico para agricultura de base familiar**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2010.

TORRES, A. C. B. A.; MOUTINHO, L. M. G.. A logística como elemento de competitividade na fruticultura, **COOPAB**, João Pessoa, n.251, p.1-18, 2002.

TRIVINOS, A.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, J. E.. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: Convênio FIPE – IICA (MDA/CNDRS/NEAD), 2001.

VERGARA, S. C.. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VILPOUX, O.; OLIVEIRA, M. A. C.. **Governanças na agricultura familiar: mercados, contratos, redes e cooperativismo**. Curitiba: CRV, 2011.

WATANABE; E. A. M.; TREDEZINI, C. A. O.. A logística das hortaliças produzidas em Itaquirai. In: Sociedade Brasileira de Economia e Administração e Sociologia Rural, 48. **Anais**. Campo Grande, 2010.

WILKINSON, J.. **Mercado, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.